



**Rosimeri Aquino da Silva**



Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

[rosimeriaquinodasilva@gmail.com](mailto:rosimeriaquinodasilva@gmail.com)

**Amurabi Oliveira**



Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

[amurabi1986@gmail.com](mailto:amurabi1986@gmail.com)

# **A SOCIOLOGIA DAS CONFLITUALIDADES NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

## **RESUMO**

O presente trabalho busca compreender a relevância da temática da violência nos currículos do ensino de sociologia, voltados para a Educação Básica. Através da realização do Minicurso: Sociologia das Conflitualidades na Educação Básica, destinado à formação continuada de professores de Sociologia da Educação Básica da Rede Pública de Florianópolis, Santa Catarina, procura-se analisar, fundamentando-se teoricamente em estudos da sociologia da violência, a centralidade dessa questão no ensino de sociologia contemporâneo. No minicurso, buscou-se se debruçar sobre estudos sociológicos da violência, do gênero e da sexualidade, do racismo e dos direitos humanos, com vistas às reflexões e trocas de experiências sobre didáticas, metodologias e tecnologias para a abordagem desses temas. As dificuldades e estratégias narradas pelos professores, no trato da questão da violência, assim como seus entendimentos sobre a necessidade de maior aprofundamento de conhecimentos a ela relativos, encaminham à conclusão de que o ensino de sociologia se vê cada vez mais comprometido com a abordagem dessas temáticas, visto o caráter multifacetário e urgente com o qual ela emerge nas instituições escolares.

**Palavras-chave:** Ensino de Sociologia. Sociologia das Conflitualidades. Formação de professores.

## **THE SOCIOLOGY OF CONFLICT IN BASIC EDUCATION**

### **ABSTRACT**

This article seeks to understand the importance of the theme of violence in the sociology teaching curriculum, focused on Basic Education. Through the Mini Course: Sociology of Conflicts in Basic Education, aimed at the continuing education of teachers of Sociology of Basic Education in the Public Schools of Florianópolis, Santa Catarina, we analyze, based theoretically on studies of the sociology of violence, the centrality of this issue in teaching of contemporary sociology. In the mini course, we sought to focus on sociological studies of violence, gender and sexuality, racism and human rights, with a view to reflecting and exchanging experiences on didactics, methodologies and technologies to address these themes. The difficulties and strategies narrated by the teachers in dealing with the issue of violence, as well as their understandings about the need for further deepening of knowledge related to it, lead to the conclusion that the teaching of sociology is increasingly committed to this issue, given the multifaceted and urgent character with which it emerges in school institutions.

**Keywords:** Sociology Teaching. Sociology of Conflicts. Teacher education.

**Submetido em:** 18/11/2019

**Aceito em:** 16/05/2020

**Publicado em:** 18/08/2020



<http://dx.doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12n28p232-244>



## I INTRODUÇÃO

Tornou-se usual o entendimento de que a violência, nas suas diferentes manifestações, é um fenômeno constitutivo das relações sociais da sociedade hodierna. O que não invalida a tese de que ele sempre esteve presente na história humana. Indaga-se sobre seus fatores desencadeantes, suas relações com as condições econômicas de dadas populações, suas justificativas culturais, assim como se assiste a uma série de acepções sobre a violência, nos marcos de um pensamento comum, caracterizadas pela rapidez de análises, pela naturalização dos conflitos, pela dificuldade de conceituação desse fenômeno na medida em que ele abarca uma multiplicidade de significados. O presente trabalho visa contribuir para esse debate, partindo de vivência didático pedagógica com professores de Sociologia que atuam na rede pública do Estado de Santa Catarina, o que foi possível através da organização de um minicurso oferecido através do Laboratório Interdisciplinar de Ensino de Filosofia e Sociologia<sup>1</sup>, o LEFIS, cuja temática versou sobre a violência.

A questão que norteia essa investigação parte da necessidade de se compreender a centralidade do tema da violência, nos seus múltiplos aspectos, nos currículos da sociologia voltada para a educação básica. Precisamente, por que, segundo os professores participantes do referido minicurso, a violência é um tema de fundamental importância para a formação dos alunos do Ensino Médio? Dessa questão central derivam outros questionamentos: como os professores justificam essa importância junto ao seu alunado? Quais são as estratégias metodológicas para a abordagem do tema da violência? Quais são os desafios enfrentados nessa abordagem? Com vistas à obtenção de respostas provisórias a essas questões, o texto está organizado no seguinte formato: inicialmente, procura-se justificar a pertinência dessa reflexão num campo de estudos, a sociologia, que historicamente precisa explicar sua utilidade na formação de novas gerações; descreve-se o minicurso; discute-se sobre a emergência do tema da violência, em seus diversos aspectos, no ensino de sociologia, apresenta-se (com vista à análise) situações escolares vividas pelos professores e as articulações que eles estabelecem com a leitura de estudiosos da violência realizadas durante o minicurso; por fim, são feitas considerações finais em torno da questão proposta nesse ensaio.

A justificativa para a realização do presente trabalho parte do entendimento de que a disciplina de Sociologia passou a fazer parte da grade curricular das escolas em todo o Brasil há pouco tempo, dando sequência à histórica intermitência de sua presença nos currículos da formação básica (OLIVEIRA, 2013). O quadro sinóptico sobre a história das Ciências Sociais brasileira e sobre a história da Sociologia na Educação Básica, elaborado por Silva (SILVA, 2010), é elucidativo. Nessa perspectiva, pensar a trajetória

---

<sup>1</sup>LEFIS *Laboratório Interdisciplinar de Ensino de Filosofia e Sociologia*. Ele promove e executa atividades de ensino por meio de projetos de extensão e oportuniza a participação dos alunos das licenciaturas em Filosofia e Ciências Sociais da UFSC para o desenvolvimento de metodologias e produção de material didático junto à Rede Estadual de Ensino. Disponível em: <http://lefis.ufsc.br/> (Acessado em 01 maio, 2019).

dessa ciência, na educação brasileira, implica no reconhecimento de um longo processo de lutas pela sua institucionalização e seu devido reconhecimento que perdura até os dias atuais. Nas palavras da autora:

Os conhecimentos das Ciências Sociais entraram nos currículos da antiga escola secundária através da Sociologia. Entraram também via História, Geografia, Economia, Psicologia, Educação Moral e Cívica, Estudos Sociais. Mas, de forma explícita, e buscando autonomia científica em relação às outras disciplinas, pode-se considerar que foi com a inclusão da Sociologia, no período de 1925 a 1942, que identificamos evidências da institucionalização e sistematização de uma ciência da sociedade (MEKSENAS, 1995; MEUCCI, 2000; GUELFÍ, 2001). O que é curioso é que foi pela dimensão do ensino que, inicialmente e oficialmente, a Sociologia instalou-se no Brasil (SILVA, 2010, p.16)

A disciplina volta a ocupar espaço no Ensino Médio quando, em 2 de junho de 2008, foi sancionado pelo então presidente em exercício José Alencar o projeto de Lei **11.684/2008**, que modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996). Assim, o ensino de Sociologia é tornado obrigatório no Ensino Médio. É compreensível o reconhecimento de que esse retorno só foi possível após mobilizações realizadas por profissionais da área em busca de sua concretização (MOCELIN; RAIZER, 2014).

Com a chamada Reforma do Ensino Médio, aprovada em 2017, a Sociologia perdeu seu *status* de disciplina obrigatória no currículo escolar, o que tem lançado novos desafios para a comunidade acadêmica que se dedica a esse tema, assim como para os professores da Educação Básica, que se mostram preocupados com os desdobramentos desse acontecimento (OLIVEIRA; BINSFELD; TRINDADE, 2018).

Um segundo aspecto, de acordo com os autores acima referidos, diz respeito ao reconhecimento de que a presença dessa disciplina nos currículos escolares, em alguma medida, sempre foi colocada em questão. Qual seria, de fato, sua importância? Qual a sua utilidade? O que o conhecimento sociológico produzia na vida das pessoas, especialmente para aquelas que não pretendiam ser sociólogas? Tal questionamento não se aplica às disciplinas tradicionalmente presentes no currículo, como a Matemática e a Língua Portuguesa; suas utilidades e funcionalidades estariam, por assim dizer, dadas naturalmente. Apesar de algo de enigmático, inicialmente, se sobrepor à histórica necessidade das Ciências Sociais, e às humanísticas em geral, justificar suas presenças no ensino básico é possível a partir da subscrição do prefácio à segunda edição de "Aprendendo a pensar com a Sociologia" (BAUMAN, MAY, 2010), onde os autores desenham essa disciplina como capaz de oferecer uma valorosa perspectiva sobre questões do presente, de propor entendimentos e sentidos às experiências sociais e de propiciar explicações fundamentais sobre suas dinâmicas.

A partir de múltiplos enfoques, estudos<sup>2</sup> sobre o campo da sociologia apontam alguns dos aspectos conflitivos que envolveram o processo de reinstitucionalização curricular da Sociologia no Brasil. A realidade atual do ensino da Sociologia está permeada por novos questionamentos, cuja empiria se sobrepõe e coloca grandes desafios para os profissionais da área. O perfil dos professores ministrantes das aulas - sua

---

<sup>2</sup> Moraes (2003, 2011), Mota (2005), Silva (2010), Raizer, Caregnato, Mocelin, Pereira (2017).

área de formação e seus entendimentos a respeito dos objetivos do ensino da Sociologia e das dificuldades que esse ensino envolve - é uma questão recorrente aos estudos que emergiram junto ao retorno da disciplina (MOCELIN, RAIZER, 2014; BODART, SILVA, 2016). Soma-se, finalmente, às problemáticas já referidas – *qual professor, quem leciona, como leciona, em que condições, para que e para quem leciona* - a questão do currículo da Sociologia (BODART, SILVA, 2016; RAIZER et alii, 2017). A saber, a definição de temas pertinentes, de metodologias, das formas adequadas de abordagem dos conteúdos sociológicos, voltados para a Educação Básica, visto que esses são componentes usuais do currículo.

Dados de pesquisas exploratórias sobre professores atuantes na Sociologia, nas escolas de Ensino Médio, dos referidos estados, são mapeamentos úteis, mesmo que não exaustivos (RAIZER et alii, 2017; BODART, 2018; OLIVEIRA, 2019). Eles nos permitem verificar aspectos relativos à formação desses professores e os sentidos por eles atribuídos ao ensino de Sociologia. Tratam-se de dispositivos importantes de pesquisa, embora essa metodologia (quando recorre ao uso de questionários, por exemplo) encontre grande resistência no preenchimento das questões propostas. Talvez isso ocorra pelo fato de esses profissionais não entenderem a validade ou a importância da pesquisa em curso, ou porque eles não têm tempo para responder devido as suas rotinas de trabalho, além do próprio distanciamento entre universidade e escola. A consequência disso pode acarretar na manutenção de um distanciamento entre a pesquisa acadêmica e a Educação Básica.

Acontecimentos de maior proximidade com esses professores (possibilitados por cursos de extensão, qualificação e/ou atualização, por exemplo) são de uma riqueza ímpar e sua análise é pertinente. Na medida em que se procura estabelecer vínculos, proporcionados pelo maior tempo junto a eles (pesquisador e professores) e pelo exercício democrático da palavra, alguns aspectos que “ficam de fora” de instrumentos usuais como questionários, por exemplo, podem encontrar lugar de expressão. Nesse sentido, foi exemplar a experiência do *Minicurso: Sociologia das Conflitualidades na Educação Básica*, proporcionado pelo Laboratório Interdisciplinar de Ensino de Filosofia e Sociologia da Universidade Federal de Santa Catarina, o LEFIS, ocorrido nos meses de outubro e novembro de 2018, destinado à formação continuada de professores da Educação Básica da Rede Pública.

O minicurso em questão delineou como objetivo o estudo de temáticas demandadas na Educação Básica contemporânea e suas vinculações com a questão das conflitualidades. Para tanto, debruçou-se sobre estudos sociológicos da violência, de gênero e da sexualidade, do racismo e dos direitos humanos, com vistas às reflexões e trocas de experiências sobre didáticas, metodologias e tecnologias para a abordagem desses temas. Os encontros foram presenciais, com discussão das referências sugeridas, trabalhos em grupos, exibição de vídeos, entre outros.

No primeiro encontro, intitulado: *Violência, um Conceito de Grande Empiria e de Difícil Definição*, os temas abordados foram: I. Sociologia das Conflitualidades, um paradigma explicativo; II. violência difusa;

III. novas questões sociais mundiais e a violência; IV. a banalidade do mal. No segundo encontro, a temática abordada foi: violência na escola, com os seguintes conteúdos: I. violência simbólica; II. sucateamentos e fracassos; III massacres e coberturas.

No terceiro encontro, o tema definido foi O Gênero que não Quer calar, com os seguintes tópicos: I. uma categoria de análise; II. corpos educados; III. instituições generificadas. No quarto encontro, intitulado A Sociologia das Conflitualidades em Tempos de Mordaça, o conteúdo versou sobre I. a violência e o medo como formas de controle. Os textos, documentários e filmes sugeridos para os professores estão anexados após as referências do presente texto.

## **2 O LUGAR DE DESTAQUE DA VIOLÊNCIA NOS CURRÍCULOS DA SOCIOLOGIA**

Os temas sociológicos, o currículo, precisamente, compõe a centralidade dos debates sobre o ensino da disciplina. No espaço do currículo “se concentram e se desdobram as lutas em torno dos diferentes significados sobre o social e o político” (SILVA, 2001, p.10), o que se torna ainda mais evidente no campo das ciências humanas e sociais, que tendem a tencionar diferentes interpretações do mundo social. A teorização curricular, nessa mesma perspectiva de análise, é concebida a partir de quatro visões: tradicional, tecnicista, crítica e pós-estruturalista/pós-moderna. E, assim como a cultura, o currículo é compreendido como prática de significação, de relação social, de relação de poder, de produção de identidades sociais. Nas palavras dos professores participantes do minicurso, há uma espécie de composição dessas quatro formas de concepção curricular nas práticas do conhecimento sociológico propriamente dito. Por vezes, eles se veem como professores tradicionais no que se refere aos métodos utilizados, aos conteúdos que elaboram e a um conhecimento que pode ser compreendido como conservador, visto que ele já está estabelecido no contexto do ensino de Sociologia. Outras vezes, aspectos concernentes às utilidades do conhecimento trabalhado também são enfatizados, o que rapidamente os definiria como professores tecnicistas. O terceiro aspecto está relacionado a um conhecimento crítico sobre as instituições e as estruturas da sociedade capitalista. Essa dimensão se faz presente, de sobremaneira, nos conteúdos sociológicos inspirados nos estudos marxistas e na Sociologia de Pierre Bourdieu.

Em um viés pós-estruturalista e/ou pós-moderno, os docentes se veem diante da necessidade de abordar temas a partir de determinadas perspectivas teórico-metodológica que agregam a visão crítica, tais como novos movimentos sociais, novos saberes e discussões provenientes dos estudos de gênero, sexo, etnia etc. Os professores se veem e se compreendem na sua prática abarcando todos esses conceitos, pois a miscelânea lhes parece mais produtiva e melhor entendida do que a fixidez de apenas uma única

teorização. Eles costuram uma forma de se relacionarem com os alunos, em sua didática, com um roteiro de aula já preestabelecido, ordenado (como cobrança por disciplina, pontualidade), mas que permite práticas transdisciplinares (como uso de música em sala de aula, postura aberta e incentivadora para debates atuais).

Nos livros didáticos destinados à disciplina em questão, é possível encontrar um rol de conteúdos já consagrados, em alguma medida, pois, embora se constituam como propostas, não é incomum professores seguirem um determinado roteiro, algo tacitamente convencionado nos planos de estudos, quando eles, de fato, existem. Isso se tornou ainda mais evidente a partir da introdução da sociologia no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que popularizou extensivamente o uso desse recurso nesta disciplina escolar. A saber: a definição do conhecimento sociológico, origens históricas das Ciências Sociais, pensadores clássicos, noções sobre Sociedade Capitalista, Trabalho, Cultura, Família. Em linhas gerais, a maioria dos professores procuraria seguir esse mapa, especialmente aqueles não formados em Ciências Sociais, na medida em que esse delineamento lhes auxiliaria na tarefa de ensinar sociologia. Entretanto, a complexidade do social e da própria dinâmica, constituinte da história da disciplina, vem a lhes colocar importantes e novos desafios. E é nesse contexto que se inscrevem os questionamentos a seguir.

Quais são as relações que podemos estabelecer entre os conteúdos pertinentes aos estudos de gênero, racismo, direitos humanos e a problemática da violência? Quais os motivos para se ampliarem estudos sobre esses temas? Em que medida eles seriam bem-vindos à grade curricular do ensino de Sociologia? O ensaio para o encontro das respostas a essas questões passa, em primeiro lugar, pela verificação de que é consensual, para os professores atuantes, as diversas dificuldades encontradas pela educação, num âmbito geral, para a abordagem desses temas, especialmente em contextos onde a solução para a resolução de conflitos encontra guarida nas práticas cotidianas de violência.

Nesta direção, chama a atenção o fato de que o ensino das Ciências Sociais lida com um duplo desafio no nível epistemológico e didático: pois ao mesmo tempo em que introduz o debate acerca de tais temáticas, elas também aparecem como pano de fundo das aulas, na medida em que remetem à realidade imediata dos estudantes. Tal desafio é compreendido e percebido pelos professores, especialmente aqueles que trabalham em regiões mais periféricas, nas quais estes temas emergem com mais força na vida cotidiana, uma vez que encontram ressonância na vida dos estudantes e da comunidade escolar como um todo.

De acordo com as narrativas de alguns professores, impressiona o fato de que a resolução de problemas, mesmo de situações banais, encontre expressão em diferentes formas de hostilidade, desde o uso de gritos e xingamentos até a violência física, que muitas vezes fundamentam a própria sociabilidade desenvolvida naquele espaço (WILLIS, 1991). Na análise de um participante: “É muito difícil trabalhar com

a noção de uma cultura da paz, na medida em que o dia a dia dos alunos e professores é permeado por cenas de um cotidiano despedaçado”.

Numa referência clara ao texto proposto para estudo, a saber, “Cotidiano Despedaçado-Cenas de uma violência Difusa”, de César Barreira, o professor lembrou que, nesse trabalho, o autor se vale da análise do filme “Abril Despedaçado” para pensar a violência difusa da sociedade atual. A coragem e a virilidade eram demonstradas em situações de violência e morte na luta pela terra. A honra e a vingança estavam presentes nas relações. É notável essa comparação feita pelo educador. Ela não significa que os alunos e os professores estejam todo o tempo armados e eliminando vidas como no filme. Entretanto, o professor reconhece que há uma forma de despedaçamento desse cotidiano quando a hostilidade mútua se apresenta como única forma possível de resolução de conflitos. O filme foi tido pelos professores como um ótimo exemplo para se discutir, em sala de aula, as questões relativas à violência, do quanto ela é infrutífera e geradora de dor, de luto etc.

O enfoque da Sociologia das Conflitualidades, apresentado no minicurso, por seu turno, se depararia com uma série de interpretações, por vezes contraditórias, pautadas em entendimentos imediatos desses fenômenos sociais que dificultariam a compreensão da complexidade que lhes é constituinte. Pareceria por demais distante e abstrato trabalhar a noção de que, por exemplo, “[...] a violência difusa nas sociedades do século XXI é, em larga medida, legitimada pela consciência coletiva, instituindo-se como norma social, ainda que controversa e polêmica” (SANTOS, 2008, p.125). O entendimento da violência como norma social é aceito em larga medida, visto que, num viés interpretativo, inspirado em estudos clássicos da Sociologia de Durkheim, a violência se faz presente em todas as sociedades. Teoricamente, isso faz sentido. Entretanto, esse viés colidiria com uma compreensão imediata dos fenômenos da violência, disseminada no tecido social. Ou seja, a concepção de que suas manifestações são exceções. Uma professora exemplificou: “embora os problemas estivessem sempre presentes, dando a impressão de que estávamos num barril de pólvora, a surpresa e a perplexidade pareciam tomar conta de todos quando algo acontecia: um aluno veio armado, outro bateu na namorada, ocorreram assaltos no entorno etc. sempre me surpreendeu o fato das pessoas parecerem surpresas com esses acontecimentos”.

A complexidade e a contradição constituem essa concepção supracitada, ou seja, a noção de exceção, pois embora se admita algo de banal e de natural nos atos de violência, quando narrados, eles ganham o tom de algo surpreendente, algo que fere o bom andamento dos processos usuais de solidariedade; suas manifestações seriam atos isolados, algo do terreno da patologia. Trata-se de um contraponto aos estudos sociológicos que entendem os atos de violência difusa como resultantes da desagregação da solidariedade, das concepções tradicionais de direitos sociais, da individualização e da noção de que alguns conflitos são impossíveis de se solucionar. A violência manifesta-se de forma difusa:

nas relações intra e extrafamiliares, na criminalidade crescente, na reprodução, nas instituições escolares, de aspectos hierárquicos e meritocráticos do sucesso e fracasso escolar (SANTOS, 2008). Esse autor acentua a necessidade de explicar e de buscar os fatores desencadeantes dos fenômenos da violência:

Fatores como o desemprego e qualidade de vida das camadas mais pobres da população; o grau de contradições econômicas, políticas, religiosas, culturais e étnicas, entre outros, inseridas na sociabilidade cotidiana; a intensidade de exclusão da cidadania; a expectativa de integração social e econômica dos segmentos mais pobres; a presença relativa de jovens na composição demográfica [...] (SANTOS, 2008, p. 134).

Soma-se a essas dificuldades acima citadas o entendimento real de que práticas pedagógicas que têm em vista sociedades mais democráticas e inclusivas fracassarão, pois conteúdos relativos às desigualdades e diversidades étnico-raciais, por exemplo, permanecem, de fato, de fora dos currículos estudantis na prática. A meritocracia, por sua vez, parece instaurar-se como regra geral para a mobilidade social, para a realização de projetos de vida, para o alcance de direitos e cidadania, naturalizada nos discursos de muitos estudantes. E sobre as relações possíveis entre as diversas formas de desigualdade social e as noções de mérito individual, pesam narrativas fragmentadas e desconexas sobre a violência, empobrecidas de conhecimento, de história e, fundamentalmente, de interpretação sociológica.

A violência, nos termos dos professores, é um fenômeno de difícil delimitação e conceituação, o que pode implicar numa visão simplificada e superficial de sua compreensão. Ao tomá-lo como tema gerador, a partir de questionamentos gerais ou mesmo na forma de pergunta direta, quando é proposto ao grupo respondê-la, são diversos os aspectos, os eventos, as situações, as descrições os entendimentos elaborados. São propostas de trabalho que certamente podem ser estendidas para os alunos de Ensino Médio e também sugeridas por professores que já o fizeram e obtiveram resultados exitosos. O que é violência? A pergunta foi direcionada ao público do minicurso. As respostas ilustram a fenomenologia: agressão, desrespeito, miséria, fome, preconceito, criação de estigmas, intolerância, perseguições, contratos de trabalho aviltantes, condições precárias para a realização do ofício, brigas, tráfico, machismo, misoginia, racismo, homofobia, uso desproporcional da força.

Utilizar o quadro branco para que cada um dos participantes escreva, em uma ou em muitas palavras, o entendimento elaborado sobre violência, pode resultar em falta de espaço, o que ilustra a amplitude dos diversos sentidos conferidos a ela. É notável a diferença da nomenclatura (dos muitos nomes) da violência contemporânea das nomenclaturas de outrora. A saber, costumava-se, segundo narrativas, falar de uma violência, especialmente a que ocorria na escola, expressa em brigas e desentendimentos entre jovens estudantes, visível na depredação das escolas e como algo ocasional entre representantes de famílias “desestruturadas” e algum representante da instituição, professor, diretor, supervisor.

Na medida em que são professores, na sua maioria atuantes em sala de aula, os participantes do minicurso fizeram alusão ao que se compreende, em termos bourdieusianos, como violência simbólica,



ela, na compreensão desses professores, também se fez presente e ganha novos contornos nos dias atuais. A desigualdade social e a desigualdade escolar estão em correlação na medida em que a imposição de uma cultura educacional dominante ainda perdura. Ela, aqui, é traduzida pela valorização dos “bons alunos”, dedicados e habilidosos no trato com os conteúdos, disciplinados e, portanto, merecedores de melhores oportunidades, por exemplo.

O ensino da Sociologia, em linhas gerais, contribui para o desenvolvimento de importantes habilidades nos estudantes: capacidade de distanciamento, reflexividade, autonomia, criticidade, conhecimento sobre diferenças culturais, cidadania e participação na vida social, conclusões que também aparecem nos discursos dos professores que atuam na Educação Básica. Na avaliação dos professores participantes do minicurso, isso vem sendo feito e seus resultados são positivos. Os professores reconhecem em muitos alunos comportamentos sensíveis às opressões, discriminações e preconceitos sociais. Esses alunos costumam reconhecer e questionar formas de desigualdades persistentes, como a questão de gênero, por exemplo, bem como as tentativas de se inviabilizar estudos sobre esses temas. Uma professora afirmou: “como calar uma coisa que insiste em falar apesar das tentativas de restrições que sobre ela pesam?”.

Tais questões evidenciam a relevância da Sociologia no currículo escolar, assim como das demais Ciências Humanas e Sociais que atuam na direção de desnaturalizar formas dadas de violências e desigualdades. A questão de gênero, de acordo com as narrativas dos professores, torna-se especialmente sensível nesse ponto, considerando os ataques que vêm sendo recebidos na esfera pública, muitas vezes capitaneado pelo movimento conhecido como “Escola Sem Partido”, mas não apenas. Assim como a Sociologia, os estudos de gênero insistem em ocupar espaços no campo educacional, eles resistem e continuam.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Embora se reconheça a existência de limites para a compreensão (no campo das Ciências Humanas) e a impossibilidade de se universalizar uma experiência, algumas conclusões e/ou resultados provisórios foram possíveis no andamento do presente trabalho. Procurou-se responder a seguinte questão: por que, segundo os professores e professoras participantes do referido minicurso, a violência é um tema de fundamental importância para a formação de estudantes do Ensino Médio? Para tais professores, a disciplina de Sociologia, segundo suas experiências no cotidiano escolar, não pode se ausentar dos temas polêmicos contemporâneos, especialmente o tema da violência e suas articulações com as questões do gênero e dos direitos humanos, visto que para muitos de seus alunos, a violência está na ordem do dia: no âmbito doméstico, na precariedade de suas condições de vida, na vivência de

situações de violações de seus direitos, nas pequenas humilhações cotidianas. Além das experiências próximas, há uma discursividade diária sobre outras múltiplas formas de violência que contribuem para a instauração de uma cultura do medo e da busca de soluções imediatas para combatê-las.

Temas polêmicos são de grande empiria e de difícil conceituação, seu tratamento escolar tende, muitas vezes, às opiniões desvinculadas de estudos e dados reais oriundos de pesquisa, o que justifica a necessária e cada vez mais presente inserção de conhecimentos científicos debruçados sobre a violência nas grades curriculares do Ensino de Sociologia. A violência é uma questão do presente, ela assume diferentes formas e significados, por muitas vezes ela é relativizada, é tornada um produto de consumo, e as explicações usuais sobre seus efeitos, origens ou causas parecem desconhecer determinantes econômicos, históricos e culturais que a constituem. É tarefa da Sociologia contribuir para o desenvolvimento de habilidades junto aos alunos, com vistas a problematização, ao questionamento do mundo social, especialmente no que diz respeito às explicações rotineiras sobre as conflitualidades que o configuram.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z.; MAY, T. **Aprendendo a pensar com a Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BODART, C. Prática de ensino de sociologia: as dificuldades dos professores alagoanos. **Revista Mediações**, Londrina, v. 23, n. 2, p. 455-491, 2018.
- BODART, C.; SILVA, R S. Um raio-x do professor de sociologia brasileiro: condições e percepções. **Estudos de Sociologia**, Recife, v. 2, n. 22, p. 197-233, 2016.
- MOCELIN, D. G.; RAIZER, L. Ensino da sociologia no rio grande do sul: histórico da disciplina, formação do professor e finalidade pedagógica. **Revista Brasileira de Sociologia**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3,, 2014.
- MORAES, A. C. Ensino de Sociologia: periodização e campanha pela obrigatoriedade. **Cadernos Cedes**, São Paulo, v. 31, n. 85, p. 359-382, 2011.
- MORAES, A. C. Licenciatura em ciências sociais e ensino de Sociologia: entre o balanço e o relato. **Tempo Social**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 5-20, 2003
- OLIVEIRA, A. Revisitando a história do ensino de sociologia na educação básica. **Acta Scientiarum Education**, Maringá, v. 35, n. 2, p. 179-189, 2013.
- OLIVEIRA, A. Trajetórias e práticas pedagógicas entre professores de sociologia. **Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 19, n. 60, p. 308-327, 2019.
- OLIVEIRA, Amurabi; BINSFELD, Willian; TRINDADE, Tayna. A reforma do ensino médio e suas consequências: o que pensam os professores de sociologia?. **Revista Espaço do Currículo**, João Pessoa, v. 11, n. 2, p. 249-259, 2018.

RAIZER, L.; CAREGNATO, C. E.; MOCELIN, D. G.; PEREIRA, T. I. O Ensino da Disciplina de Sociologia no Brasil: Diagnóstico e Desafios para a Formação de Professores. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 16, p. 15-26, 2017.

SANTOS, J. V.. As conflitualidades como um problema sociológico contemporâneo. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 1, n. 1, 1999.

SANTOS, J. V. Linha de Pesquisa: Dimensões e Fenomenologia da Violência. In: MARTINS, J. R. V.; SOUZA, N. H. B.; MARTON-LEFÈVRE, J. (Orgs.). **Educação para a paz e direitos humanos**. Brasília: Presidência da República, Secretaria Geral, 2008, p. 125-144.

SILVA, I; L. F. O ensino das Ciências Sociais/Sociologia no Brasil: histórico e perspectivas. In: MORAES, A. C. (Org.). **Sociologia: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília. 2010, p. 23-31.

SILVA, T. T. **O currículo como fetiche: a poética e a política do Texto curricular**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2001.

SIMMEL, G. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

WILLIS, P. **Aprendendo a ser trabalhador**. Porto Alegre: Artmed, 1991.

## ANEXOS: TEXTOS, SITES E FILMES SUGERIDOS NO MINICURSO.

Links das leituras sugeridas:

### Encontro 1:

<http://www.redalyc.org/html/3399/339930909013/index.html> Aquino da Silva, Rosimeri Resenha "Violências e conflitualidades" de José Vicente Tavares dos Santos Sociedade e Estado, vol. 25, núm. 2, mayo-agosto, 2010, pp. 395-402 Universidade de Brasília Brasília, Brasil.

<http://seaf-filosofia.blogspot.com/2007/04/contra-violencia-por-marilena-chau.html> (Texto Marilena Chau)

<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n43/a08v15n43.pdf> Marcelo Andrade. "A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral: contribuições arendtianas". Revista Brasileira de Educação v. 15 nº 43, jan./abr. 2010.

### Encontro 2:

Cattani, Antônio David. (org) Escolas Ocupadas. Porto Alegre, CirKula, 2017.

Freitas, Lorena. A instituição do fracasso. A educação da ralé. Souza, Jessé. Ralé brasileira : quem é e como vive / Jessé Souza ; colaboradores. André Grillo ... [et al.] – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2009.

[http://www.revistalabor.ufc.br/Artigo/volume7/2\\_A\\_violencia\\_simbolica\\_na\\_escola\\_-\\_Liliane\\_Pereira.pdf](http://www.revistalabor.ufc.br/Artigo/volume7/2_A_violencia_simbolica_na_escola_-_Liliane_Pereira.pdf) Souza, Liliane Pereira . A violência simbólica na escola: contribuições de sociólogos franceses ao fenômeno da violência escolar brasileira. Revista Labor , v. 1, p. 20-34, 2012.

[http://pitangui.uepg.br/proresp/ppgior/DocPdf/COBERTURAS%20JORNAL%C3%8DSTICAS%20\(DE\)MARCADAS.pdf](http://pitangui.uepg.br/proresp/ppgior/DocPdf/COBERTURAS%20JORNAL%C3%8DSTICAS%20(DE)MARCADAS.pdf) GADINI, Sergio Luiz. Coberturas jornalísticas (de)marcadas: a greve dos professores na mídia paranaense em 2015. [livro eletrônico] / organizado por: Sérgio Luiz Gadini. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015.

### Encontro 3:

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721> Gênero, uma categoria útil para análise histórica. Joan Scoth.

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643470> Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. Guacira Lopes Louro.

Fernando Seffner ; SILVA, R. A. . A norma é para cumprir ou para transgredir? O complicado equilíbrio das questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar. In: CAREGNATO, Célia; BOMBASSARO, Luiz Carlos. (Org.). Diversidade Cultural: viver diferenças e enfrentar desigualdades na educação. 1 ed.Porto Alegre: Ideal Editora, 2013, v. 1, p. 61-82.

SILVA, R. A. ; SEFFNER, F. . Cenas, intervenção nas cenas e encenação: malabarismos na educação em gênero e sexualidade nas escolas. In: CAREGNATO, Célia; BOMBASSARO, Luiz Carlos. (Org.). Diversidade Cultural: viver diferenças e enfrentar desigualdades na educação. 1 ed.Porto Alegre: Ideal Editora, 2013, v. 1, p. 203-216.

### Encontro 4:

Frigotto, Gaudêncio. Escola "sem partido": esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro, UERJ, 2017.

<https://drive.google.com/file/d/0Bzn2Ce7JbaKHSnA3cnNHenY2VUtCWVjVXlV2SzZoYkdQNGhB/view>  
<http://www.jornalja.com.br/a-educacao-brasileira-e-a-lei-da-mordaca/> Dutra da Rosa, Russel

<http://www.cartaeducacao.com.br/reportagens/escola-sem-partido-intimida-e-persegue-professores/>

**Filmes e vídeos sugeridos:** O Abutre; Relatos Selvagens; Onde os fracos não têm vez; Pro dia nascer feliz; Entre os muros da escola; O substituto; A onda; O ovo da serpente; Nós somos jovens, nós somos fortes.

1) **Direito dos pais sobre a educação moral dos filhos - Rui Guimarães**

<https://www.youtube.com/watch?v=40diMGh6xeQ>

2) **O caso do ENEM - Russel da Rosa**

<https://www.youtube.com/watch?v=oflOteSd3lA>

3) **O medo na sala de aula - Vera Peroni**

<https://www.youtube.com/watch?v=valWmiMYwPw>

4) **Relações de gênero - Fernando Seffner**

<https://www.youtube.com/watch?v=QUejbiSR40U>

**Vídeos Extra-Classe do SINPRO:**

<https://www.youtube.com/watch?v=AuhGFx4OrAU>

<https://www.youtube.com/watch?v=FG0wojIud4l&feature=youtu.be>

<http://www.ceert.org.br/noticias/direitos-humanos/l2728/escola-sem-partido-metodo-para-perpetuar-o-genocidio-das-populacoes-negras-e-pobres>

**DOCUMENTÁRIO “Escola sem Censura” - NOMOS (Rodrigo Duque Estrada)**

<https://www.youtube.com/watch?v=HpKw5b3zhdc&feature=youtu.be>

<https://www.facebook.com/rodrigo.duqueestrada/videos/l747033645345566/UzpfSTeWMDAwMTklOTkxNTQlMzoyMDU5NTgwNTY3NDUwNTg3>

## **COMO CITAR ESSE ARTIGO**

SILVA, Rosimeri Aquino da; OLIVEIRA, Amurabi. A Sociologia das Conflitualidades na Educação Básica. **Debates em Educação**, Maceió, v. 12, n. 28, p. 232-244, Set./Dez. 2020. ISSN 2175-6600. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/9058>. Acesso em: dd mmm. aaaa.